



A COOPERAÇÃO ENTRE A PSICOLINGUÍSTICA EXPERIMENTAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Jullyane Glaicy da Costa Ferreira ¹

RESUMO

A área da psicolinguística experimental, que reúne linguística e psicologia a fim de compreender o funcionamento dos processos que envolvem a produção e a compreensão da linguagem e seus mecanismos, tem apresentado inúmeras interfaces com outras áreas importantes ao longo dos anos. É possível mencionar algumas dessas conexões importantes, tais como a interface entre processamento e neurociência, processamento e aquisição da linguagem, processamento e o bilinguismo, processamento e as afasias e distúrbios da linguagem, processamento e leitura, além da mais recentemente: a interface entre processamento da linguagem e educação. Em conformidade com a linguística gerativa e utilizando métodos experimentais quantitativos, pesquisadores buscam respostas para as mais variadas questões que cercam o universo linguístico em todos os seus aspectos. Devido ao aumento da necessidade de debater e analisar questões referentes ao ensino, em especial ao ensino de língua portuguesa, várias linhas de estudo têm se mobilizado para fornecer informações e caminhos possíveis no avanço da educação, quando se trata de leitura e produção de textos. No entanto, mesmo diante do crescimento da abordagem do tema, pouco espaço foi cedido aos estudos psicolinguísticos para que contribuíssem com métodos e soluções no ensino de português na educação básica. Nesse sentido, assistimos ao crescimento da produção científica de estudos psicolinguísticos que tem como foco a educação e o fazer docente, mas que não são divulgados na mesma velocidade de outras linhas temáticas. Diante deste problema, o presente trabalho, baseado em uma pesquisa de cunho bibliográfico, apresenta algumas das importantes cooperações entre os estudos da psicolinguística experimental e o ensino de língua portuguesa com o foco principal na formação de leitores proficientes na educação básica no Brasil. Os resultados do estudo reafirmam a importância da divulgação do conhecimento científico acerca dos processos cerebrais de linguagem para os profissionais da educação de linguagens, visando uma reforma na estruturação do trabalho docente, com embasamento científico que amplie os resultados em sala de aula. Entende-se que a partir de práticas integrativas e estratégias com base em estudos experimentais, os professores poderão estimular a leitura por meio de uma abordagem adequada em sala de aula, reconhecendo limitações e possibilidades da capacidade de linguagem humana e aumentando a eficiência dos leitores em formação.

Palavras-chave: Psicolinguística experimental, Educação, Ensino, Língua portuguesa, Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda e Mestra em Teoria e análise linguística, Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Email: jullyane.ferreira@servidor.uepb.edu.br



A psicolinguística experimental está voltada ao estudo dos processos mentais relacionados à linguagem para aferir processos cognitivos que ocorrem de maneira inconsciente no cérebro. Esse campo do conhecimento científico tem interface com diferentes áreas, como Aquisição da linguagem, Computação gramatical, Descrição gramatical, Processamento de frases, Processamento de palavras, Processamento anafórico, Processamento da segunda língua, Distúrbios da linguagem, Neurociência cognitiva, Neurociência da linguagem, Educação, entre outras.

A interface da Psicolinguística e Educação já tem uma tradição no Brasil. Desde pesquisas sobre Alfabetização, como a desenvolvida pela professora Leonor Scliar-Cabral (SCLIAR-CABRAL, 2018), mas também pesquisas voltadas para o ensino básico têm sido feitas. No entanto, de alguns anos para cá, impulsionados pelo GT de Psicolinguística da ANPOLL, que elegeu essa interface como tema de trabalho de dois biênios seguidos (2017-2019 e 2019-2020), pesquisadores que trabalham na área da Psicolinguística Experimental e do Processamento Linguístico começaram a executar estudos que focalizam os processos cognitivos utilizados na compreensão leitora, por exemplo, mapeando as habilidades de leitura a partir de fenômenos e estratégias que com a metodologia experimental podem ser observadas de forma mais microscópica e precisa. (Ferrari-Neto et al., 2022)

Nos últimos anos, várias áreas da linguística têm se mobilizado, a fim de melhorar o quadro da educação no Brasil, principalmente no que tange à leitura, escrita e compreensão textual. No entanto, pouco espaço foi cedido para que os estudos psicolinguísticos pudessem contribuir na melhoria do ensino. Nesse sentido, nos encontramos diante da seguinte problemática: como a psicolinguística experimental pode cooperar para auxiliar professores, em sua prática docente, e melhorar o desempenho dos alunos nas habilidades de leitura?

De acordo com Maia (2018), há uma vantagem para a pesquisa educacional em se conhecerem esses processos, que podem oferecer diagnósticos diretos sobre a leitura e orientar procedimentos pedagógicos mais efetivos. Nesse sentido, a psicolinguística experimental oferece um aporte não somente aos docentes, mas também aos alunos no desenvolvimento da leitura, escrita e compreensão da linguagem. Na verdade, eles são a razão maior dos estudos realizados e da busca contínua para o avanço da educação no país. De acordo com Scliar-Cabral (2018) a contribuição científica da psicolinguística pode ocorrer por meio da formação continuada de professores, da elaboração e análise dos métodos e do material pedagógico.

Essa afirmação é essencial para entendermos o objetivo do presente estudo que é apresentar algumas das importantes cooperações entre os estudos da psicolinguística experimental e o ensino de língua portuguesa com o foco principal na formação de leitores proficientes na educação básica no Brasil, além de divulgar a psicolinguística experimental para profissionais da área da linguagem como uma alternativa possível na melhoria do ensino de português e na formação de leitores proficientes.

Entende-se que, para solucionar as questões que dificultam a aprendizagem da leitura, escrita e compreensão textual é preciso conhecer profundamente a natureza dos problemas e dificuldades enfrentadas pelos alunos, inclusive aqueles decorrentes de processos mentais, com o intuito de propor ações efetivas de intervenção. Assim, por meio de uma pesquisa, de ordem bibliográfica, em livros, teses, dissertações e periódicos reconhecidos, o presente artigo



pretende, por intermédio de uma discussão teórica, demonstrar a importância dos estudos psicolinguísticos voltados a questões do ensino de língua portuguesa no Brasil.

Desse modo, justifica-se a importância desta pesquisa como fomento da psicolinguística no ensino, atribuindo visibilidade às pesquisas já realizadas, conferindo-lhe um caráter prático e não apenas teórico-científico.

Como resultado das análises bibliográficas e das discussões levantadas ao longo do texto, observou-se uma necessidade de divulgação dos estudos psicolinguísticos, como instrumento de conhecimento das habilidades leitoras em termos de processamento da linguagem para a ampliação de práticas de ensino eficazes cientificamente pelos professores de língua portuguesa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A psicolinguística surgiu das ideias de Wundt, psicólogo alemão, que defendia uma relação entre a psicologia cognitiva e a linguística. Segundo Leitão (2013), essa ciência teve sua origem no início da década de 50, com a realização do Seminário de verão sobre psicolinguística na Universidade de Indiana, em 1953. O evento reuniu linguistas e psicólogos com o intuito de criar uma agenda, com tarefas teóricas e metodológicas, que norteariam as próximas ações do grupo.

Esse campo do conhecimento científico passou por diversas fases nas quais sofreu influência direta de correntes teóricas. A primeira delas foi o behaviorismo, de Skinner, muito forte na década de 50, que focalizava a relação entre o estímulo e a resposta para explicar a aquisição da linguagem e de outras habilidades humanas. Já na década de 60, o gerativismo defendido por Chomsky ganhou espaço no cenário da linguística e revolucionou os estudos da época. Nessa época, a psicolinguística passa, então, a uma abordagem cognitiva e inatista da linguagem, realizando suas pesquisas dentro da perspectiva das regras da gramática transformacional.

A união entre psicolinguística e gerativismo é abandonada, pouco tempo depois, em favor de um estudo não mais centrado na sintaxe, mas na semântica. De acordo com Leitão (2013), essa mudança de paradigma teve a influência da teoria da lógica conversacional de Grice e dos atos de fala de Searle.

Já em 1995, com o lançamento do Programa minimalista, proposto por Chomsky, que modificou o modelo gerativo vigente, a psicolinguística se reaproximou da teoria gerativa. Isso ocorreu em função dos ajustes no modelo gerativo, que agora pressupunha uma relação mais estreita entre desempenho e competência, ou seja, entre compreensão e produção da linguagem.

Chomsky propõe mesmo, nesse período, que a linguística seja parte da Psicologia, afirmando o caráter necessariamente mentalista da disciplina. Sua célebre dicotomia “competência/performance” baliza o campo, distinguindo de forma clara o saber do fazer linguístico. Para se chegar à caracterização da competência, havia que se investigar o desempenho, e foi o que os linguistas e psicolinguistas passaram a fazer a partir desse momento fundador. (Maia, 2015, p. 8).



Conhecidas as origens da psicolinguística e suas influências teóricas e metodológicas, é necessário salientar que esse campo científico é dividido em duas subáreas, como afirma Leitão (2013). A primeira é a Psicolinguística desenvolvimentista, que abrange as pesquisas sobre a aquisição da linguagem verbal. A segunda diz respeito à Psicolinguística Experimental, responsável pelos estudos relacionados à produção e à compreensão da linguagem verbal. Esta última, é a que nos interessa na discussão deste trabalho.

[...] a psicolinguística experimental tem como objetivo básico descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem. Ou seja, esses fenômenos são tratados e focalizados do ponto de vista de sua execução pelos falantes/ouvintes a partir de seu aparato perceptual/articulatório e de seus sistemas de memória. (Leitão, 2013, p. 221).

Em consonância com Leitão (2013), o processamento linguístico, seja ele da linguagem oral ou escrita, é uma operação mental complexa que ocorre de maneira inconsciente, e é estudado pela psicolinguística experimental, que procura levantar hipóteses que expliquem o funcionamento dessa operação. Para que isso ocorra, são utilizados procedimentos metodológicos on-line e off-line.

Os experimentos on-line são detentores da vantagem de medir os tempos, por exemplo, de fixação do olhar, da escuta ou da leitura, no exato momento em que o processamento ocorre, sem que o indivíduo tenha tempo de refletir. Diferentemente desse, os experimentos off-line captam os tempos em um momento posterior ao processamento, quando os indivíduos já refletiram sobre sua resposta e tomaram uma decisão. Ambas as técnicas são amplamente utilizadas, e servem a propósitos diferentes na pesquisa, que dependem diretamente do objetivo definido e do objeto de estudo.

Com os avanços tecnológicos e a crescente necessidade de responder a questões da linguagem humana, aumentaram as interfaces com as quais a Psicolinguística experimental se relaciona. Para explicitar as interfaces mais conhecidas, citaremos aquelas descritas por Maia (2015), tais como: Processamento de frases, Computação gramatical, Processamento anafórico, Processamento de palavras, Aquisição da linguagem, Produção da linguagem, Distúrbios da linguagem, Alfabetização, Leitura, Descrição gramatical, Processamento da segunda língua, Neurociência da linguagem e a Neurociência cognitiva. Além dessas, é notável nos últimos anos um crescimento da interface entre a psicolinguística e a educação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem um direcionamento bibliográfico, buscando por meio deste procedimento teórico-científico revisar materiais anteriormente produzidos a respeito da cooperação entre a psicolinguística experimental e o ensino de língua portuguesa para a formação de leitores.



Para realizar um estudo com o direcionamento bibliográfico, é necessário que haja uma imersão e apropriação da leitura pelo pesquisador, como afirma Fonseca (2002):

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

É diante desse contexto de busca textual em diferentes acervos que se recorre à amplitude dos conhecimentos produzidos na área desejada e que direciona o pesquisador para a etapa da seleção e articulação das informações mais relevantes e significativas que nortearão a pesquisa.

No presente artigo, optamos por abordar detalhadamente os estudos de Scliar-Cabral (2018), sobre a alfabetização, e Maia (2018), sobre a proficiência em leitura, pois revelam dois aspectos importantes da formação de leitores em etapas distintas da educação, abordando desde o seu início até anos posteriores de ensino.

Este olhar abrangente sobre o ensino de língua portuguesa em diferentes escalas da educação é essencial, pois a partir dele verificamos possibilidades diferentes de aplicação dos estudos psicolinguísticos e suas contribuições em ambos, comprovando a multiplicidade de atuações da pesquisa científica no fazer docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora tenha sofrido influências de diferentes correntes teóricas ao longo de sua história, a psicolinguística permanece buscando entender e analisar como a linguagem é compreendida e produzida na mente/cérebro, em acordo com a linguística gerativa. A teoria proposta por Noam Chomsky compreende a linguagem como uma característica inata ao ser humano, a qual possui princípios e parâmetros. Nessa perspectiva, nascemos com uma gramática internalizada, com todas as regras necessárias que serão ativadas, ou não, a depender da língua a qual seremos expostos.

[...] uma língua é fruto do saber inconsciente do falante, que consiste de princípios invariantes e de valores estabelecidos por parâmetros de variação adquiridos por meio da exposição aos dados linguísticos de uma dada comunidade. Precisamos, então, reconhecer quais são as propriedades básicas compartilhadas pelas línguas humanas. O conhecimento sobre tais propriedades é muito importante para o professor de língua portuguesa, pois é a partir do entendimento do conceito de gramática como sistema regido por princípios específicos que podem ser preparadas aulas que possibilitem ao aluno compreender o que é o sistema linguístico gerativo. (Pilati, 2017, p. 59).



Sabe-se que ainda há déficit no ensino de língua portuguesa na educação básica, de maneira que é possível observar alunos com dificuldades em habilidades de leitura, interpretação e produção de textos. Assim, faz-se necessário aliar os conhecimentos sobre os aspectos linguísticos biológicos e os resultados das pesquisas do processamento linguístico à educação, como uma ferramenta de transformação a partir do que os alunos já conhecem.

É o que reafirma Ferrari-Neto *et al.* (2022), ao mencionar a importância dos estudos linguísticos serem trazidos ao contexto escolar:

Acreditamos que trazer várias áreas da Linguística para sala de aula, particularmente a Psicolinguística Experimental e sua metodologia, pode contribuir para a formação de alunos mais reflexivos e que mais prazerosamente aprendam as características linguísticas de sua língua materna e de outras línguas, tornando-os mais competentes também no uso dessas línguas. (Ferrari-Neto *et al.*, 2022)

Considerando o cenário de grandes desafios em que se encontra a educação brasileira, as pesquisas desenvolvidas pela psicolinguística experimental podem auxiliar tanto professores, apontando especificidades que guiem uma prática docente eficaz, como estudantes, na medida em que poderão desenvolver, cada vez melhor, habilidades de leitura e escrita. Por essa razão, pesquisadores têm se dedicado nesta área, produzindo resultados e aplicações práticas que contribuem para uma educação de qualidade, em especial, no ensino de língua portuguesa. No presente artigo, explicitaremos mais detalhadamente os estudos de Scliar-Cabral (2018), sobre a alfabetização, e Maia (2018), sobre a proficiência em leitura.

Sendo a psicolinguística a ciência que se ocupa em explicar o processamento das línguas verbais oral e escrita, bem como da gestual-manual e sua aquisição/aprendizagem, depreende-se que ela pode contribuir em muito para o traçado das políticas públicas da educação, em especial da alfabetização, com aplicação à formação continuada de professores, à elaboração e à análise crítica dos métodos, assim como o material pedagógico. (Scliar-Cabral, 2018, p. 37-38).

Scliar-Cabral (2018), professora e pesquisadora, é a idealizadora e fundadora do método de ensino da linguagem, intitulado Sistema Scliar de Alfabetização, o qual disponibiliza fundamentos e roteiros para direcionar a prática dos professores da educação infantil. A autora defende um ensino que abarque a inter-relação entre o biológico e o cultural, quando se trata de linguagem humana, apontando os problemas e construindo uma crítica às políticas públicas para o ensino da alfabetização no Brasil, que, segundo ela, precisam ser reformuladas.

A partir de estudos realizados, Scliar-Cabral (1998) pontua que, esse processo de alfabetização não deve ser iniciado desassociado da escrita, e que o professor preciso propor atividades que desenvolvam nas crianças a consciência fonológica e fonêmica. Outro fato remete à importância da memória no processo de alfabetização, nesse quesito, a autora descreve dez fases do processamento da leitura, a saber: motivação, pré-leitura, acesso lexical,

Estudos como esse, são importantes para que se conheça o perfil leitor dos estudantes em diferentes etapas da educação, além de fornecer aos professores subsídio para aprimorar sua prática docente e, como sugere Maia (2018), ser um “instrumento de pesquisa de alunos e professores, nas oficinas de redação, translacionando procedimentos e técnicas científicas para a sala de aula”.



Por conseguinte, verifica-se que esta pesquisa cumpriu os objetivos inicialmente propostos o de apresentar algumas das importantes cooperações entre os estudos da psicolinguística experimental e o ensino de língua portuguesa com o foco principal na formação de leitores proficientes na educação básica no Brasil, além da divulgação da psicolinguística experimental para profissionais da área da linguagem como uma alternativa possível na melhoria do ensino de português e na formação de leitores proficientes. Nesse sentido, concordamos com Ferrari-Neto *et al.* (2022), quando afirma que “a ciência para dentro da sala de aula, promove-se inclusão, ajuda customizada e desenvolvimento do processo educacional, fomentando novas práticas pedagógicas e, com isso, incentivando um novo aluno mais engajado e consciente dos processos cognitivos de aprendizado.”.

Portanto, a psicolinguística experimental tem contribuído para o ensino de língua portuguesa no Brasil, na medida em que oferece, aos profissionais da educação básica, informações importantes sobre os processos mentais da compreensão e produção da leitura, guiando-os na elaboração de novos métodos e estratégias eficazes no ensino da língua portuguesa. Além disso, entendemos que é urgente a necessidade de divulgação do conhecimento científico acerca dos processos cerebrais de linguagem para os profissionais da educação de linguagens, visando uma reforma na estruturação do trabalho docente, com embasamento científico que amplie os resultados em sala de aula. Entende-se que a partir de práticas integrativas e estratégias com base em estudos experimentais científicos, os professores poderão estimular a leitura por meio de uma abordagem adequada em sala de aula, reconhecendo limitações e possibilidades da capacidade de linguagem humana e aumentando a eficiência dos leitores em formação.

REFERÊNCIAS

FERRARI-NETO, J.; GOMES, J. N.; LEITÃO, M. M.; OLIVEIRA, R. C. **Contribuições da Psicolinguística Experimental para a Educação**. In: PEDROSA, J. L. R.; VIEIRA, F. E. (org.). *Linguística e formação do professor de língua portuguesa: múltiplas orientações*. João Pessoa : Editora UFPB, 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

LEITÃO, M. M. **Psicolinguística Experimental**: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 217-233.

MAIA, M. **Psicolinguística e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018, p. 103-132.



MAIA, M.. **Computação estrutural e de conjunto na leitura de períodos:** um estudo de rastreamento ocular. In: MAIA (Org.) *Psicolinguística e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018, p. 103-132.

MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015.

PILATI, E. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2^a ed., 2017.

SCLIAR-CABRAL, L. **Inter-relação entre o biológico e o cultural:** psicolinguística e educação. In: MAIA (Org.). *Psicolinguística e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018, p. 25-56.